



ISSN 1981 - 3031

## CURRÍCULO, CULTURA ESCOLAR E DISCIPLINAMENTO

Juliana Carla da Paz Alves  
Universidade Federal de Alagoas – UFAL  
[julidapaz@yahoo.com.br](mailto:julidapaz@yahoo.com.br)<sup>1</sup>

Laura Cristina Vieira Pizzi  
Universidade Federal de Alagoas – UFAL  
[lauracvpizzi@gmail.com](mailto:lauracvpizzi@gmail.com)<sup>2</sup>

### RESUMO

Esse trabalho trata do currículo e das culturas escolares, debatendo sobre as formas de condicionar corpos, princípios e valores através da vivência dos indivíduos na cultura escolar atualmente. É um estudo de caso realizado em uma escola de ensino fundamental da periferia de Maceió. Seu principal objetivo é expor um conjunto de técnicas disciplinares ainda utilizadas nas práticas pedagógicas, analisando-as não apenas como um dispositivo de coação e opressão, mas sob seu aspecto produtivo também. A metodologia para coleta de dados foi observação da atuação de três turmas do ensino fundamental; entrevista com as professoras e alunos/as; por fim o cruzamento e análise dos dados coletados nos dois momentos. O texto, inicialmente trata do que seja a cultura escolar; segundo, evidencia as características e função das instituições sociais na modernidade. Traça um esboço de como a escola tornou-se, na modernidade, uma instituição disciplinadora; por último, através da análise dos dados, identifica algumas das táticas disciplinares que ainda tornam a escola e o currículo um espaço social de disciplinamento dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Cultura escolar, currículo e disciplina.

---

<sup>1</sup> Mestanda do PPGE-UFAL e membro do Grupo de Pesquisa “Currículo, Cultura e Atividade Docente”

<sup>2</sup> Doutora em Educação-Currículo, Professora do PPGE-UFAL, Líder do Grupo “Currículo, Cultura e Atividade Docente”



ISSN 1981 - 3031

## 1. Cultura escolar

O tema da cultura escolar tem sido debate constante nos estudos de currículo. Neste estudo a cultura escolar é entendida como um cruzamento de outras culturas (PÉREZ GÓMEZ, 2003), que formam uma rede de significados construída pelos sujeitos que interagem no ambiente da educação escolar.

Essa educação inclui dimensões que ultrapassam os ensinamentos propedêuticos e/ou profissionais, pois diz respeito à construção da identidade dos estudantes.

Nas palavras de Pérez Gómez (2004, p.17):

El responsable definitivo de la naturaleza, sentido y consistencia de lo que los alumnos y alumnas aprenden en su vida escolar es este vivo, fluido y complejo cruce de culturas que se produce en la escuela entre las propuestas de la *cultura crítica*, alojada en las disciplinas científicas, artísticas y filosóficas; las determinaciones de la *cultura académica*, reflejada en las concreciones que constituyen el *currículum*; los influjos de la *cultura social*, constituidas por los valores hegemónicos del escenario social; las presiones cotidianas de la *cultura institucional* presente en los roles, normas, rutinas e ritos propios de la escuela como institución social específica, y las características de la *cultura experiencial*, adquirida por cada alumno a través de la experiencia en los intercambios espontáneos con su entorno.

Em Viñao (2006), encontramos o termo definido como uma mescla dos ritos; hábitos; práticas e teorias; idéias e rituais que se consolidam ao longo da história e ganham certa regularidade, constituindo a tradição normalizada na escola. (p.74). Para esse autor, os principais componentes da cultura escolar são os atores; os discursos; os aspectos organizativos e instituições; o caráter cerimonial de suas práticas e discursos; e a cultura material da escola (p.75).

A cultura escolar tem funcionado como contexto produzido pelos indivíduos em suas relações dentro da escola. Também como espaço produtor de seus comportamentos e condutas.

## 2. Culturas institucionais e poder disciplinar

Após evidenciar o conceito de cultura escolar nesse trabalho, outros conceitos e debates também precisam ser abordados e situados nas discussões sobre currículo e cultura, uma vez que nosso foco é o currículo escolar e seus dispositivos disciplinares.

São as discussões sobre poder, disciplina e controle vistas sob a concepção de autores como Gilles Deleuze, mas principalmente Michel Foucault. São conceitos que ajudaram a construir um discurso sobre cultura escolar e currículo na modernidade.

Para esses autores o século XVIII foi um momento onde as formas de regulação e exercício do poder foram modificadas devido a determinadas transformações políticas, culturais e econômicas na Europa, implantando-se uma distribuição mais fluida do poder, fazendo-o atuar em todas as instancias e instituições sociais.

Na concepção de poder em Foucault, isso é possível, pois para o autor, na modernidade, o poder é descentrado da figura única e física do rei, difundindo-se no corpo social. Ele é virtualmente jogado para o Estado, mas é exercido em todas as suas dimensões e instituições (família, hospitais, escolas e etc.). O que Foucault pretende com sua análise do poder, nas palavras do próprio autor, é dizer que

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido de poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 2008, p.183)

Nesse momento foi instaurado o poder disciplinar. Um tipo de poder que visa mais que a punição física dos corpos, pois busca condicionar o comportamento desses corpos otimizando sua capacidade produtiva através de dispositivos de controle e de vigilância,



ISSN 1981 - 3031

com o modelo panóptico de sociedade, descrito por Jeremy Bentham e analisado por Foucault e outros autores. (FOUCAULT, 2009).

O interesse por corpos úteis e produtivos demandou a utilização de um poder que tem como objeto os corpos e seu disciplinamento. Nesse momento, a sociedade burguesa inventou o poder disciplinar enquanto forma mais abrangente de controle das pessoas.

Este novo tipo de poder que não pode mais ser transcrito nos termos da soberania, é uma das grandes invenções da sociedade burguesa. Ele foi um instrumento fundamental para a constituição do capitalismo industrial e do tipo de sociedade que lhe é correspondente; este poder não soberano, alheio à forma da soberania, é o poder disciplinar. (FOUCAULT, 2008, p.188)

A conceituação de disciplina utilizada aqui é, também, a desenvolvida nas teorizações foucaultianas acerca do poder disciplinar, que segundo Foucault (2009) foi a forma de governo utilizada nos séculos XVIII, XIX e XX nas instituições da sociedade moderna para condicionar os corpos, as ideias e as identidades dos sujeitos, através dos dispositivos de disciplina e controle.

Foucault (2009) denomina de disciplina uma tática composta de diversas estratégias em campos que se complementam para condicionar os corpos. Mais exatamente, para o autor;

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. (FOUCAULT, 2009, p. 133).

Na sociedade disciplinar, encontra-se a intenção de vigiar individualmente cada sujeito, de controlar seu tempo e de intervir em sua formação de identidade. No modelo disciplinar de sociedade, o indivíduo circula entre diferentes instituições que se localizam arquiteturalmente e estruturalmente nos parâmetros do panoptismo e são regidas por



ISSN 1981 - 3031

princípios que regulam esse modelo de controle social como a vigilância, o controle e a correção (Foucault, 2009).

Nessas instituições enquadradas no modelo panóptico, Foucault destaca três principais funções do sequestro, são elas: o controle do tempo, o controle dos corpos e a transformação.

O poder disciplinar, na descrição de Foucault (2009, 2003) é micro, mede, cria dispositivos de vigilância, recompensa e punições. É um poder que se fundamenta no direito estruturando um micro tribunal dentro das instituições de controle – escolas, prisões, hospitais etc. Um poder econômico – salário por trabalho, pagamento por serviços, notas por estudo – político, pois cria hierarquias entre os sujeitos que compõem as instituições inventando um sistema de vigilância encadeado; e judiciário, uma vez que cria ou segue normas previamente criadas. Pune, recompensa e avalia. Julga, inclui e exclui os indivíduos e seu comportamento.

É também um poder que produz. O *exame* será a nova forma de produção de saber e de verdade sobre os indivíduos e as coisas. Produz um saber específico em cada instituição sobre o indivíduo e seu comportamento moral, profissional, biológico e cognitivo. Esse saber é produzido através da observação e avaliação do indivíduo concernente ao seu comportamento desde sua entrada nessas instituições para normalizá-lo tornando-o produtivo. (FOUCAULT, 2003).

Essa organização disciplinar de governos dos sujeitos, segundo Deleuze (1992), perdurou e atuou com eficácia até o início do século XX e ainda matem resquícios de suas formas de controle que, no entanto, a partir da metade do século passado radicalizou-se, tornando-se ainda mais sutil.

Deleuze (1992) argumenta que no tipo de sociedade que se organizou a partir do início do século XX, os dispositivos não se encontram mais fixos em instituições, mas difusos nos espaços exteriores às instituições também, estão soltos, livres e atuantes pelos

modos de comunicação, de produção de conhecimento e de governo próprio das *sociedades de controle*.

Para o autor isso se deu a partir de uma crise que se instalou no modelo disciplinar, conseqüentemente, instaurando uma crise nas instituições de confinamento que se fortaleceram na primeira fase da modernidade – século XVI ao início do século XX – nas sociedades ocidentais. Por isso temos tido nessas sociedades a instauração de crises nas instituições de sequestro mais atuantes, como a família, o casamento, a igreja, a escola, o hospital, etc.

Na sociedade disciplinar o poder se exercia descontinuamente em ciclos que se complementavam e não paravam de recomeçar com a passagem do indivíduo por diversas instituições de confinamento. Enquanto que nas sociedades de controle o poder é continuado. Deleuze (1992) aponta como exemplo da criação de novas formas de controle sobre as pessoas as mudanças que têm ocorrido

No regime das prisões: a busca de penas "substitutivas", ao menos para a pequena delinqüência, e a utilização de coleiras eletrônicas que obrigam o condenado a ficar em casa em certas horas. No regime das escolas: as formas de controle contínuo, avaliação contínua, e a ação da formação permanente sobre a escola, o abandono correspondente de qualquer pesquisa na Universidade, a introdução da "empresa" em todos os níveis de escolaridade. No regime dos hospitais: a nova medicina "sem médico nem doente", que resgata doentes potenciais e sujeitos a risco, o que de modo algum demonstra um progresso em direção à individuação, como se diz, mas substitui o corpo individual ou numérico pela cifra de uma matéria "dividual" a ser controlada. No regime da empresa: as novas maneiras de tratar o dinheiro, os produtos e os homens, que já não passam pela antiga forma-fábrica. (p.4)

A fluidez com que atua esse novo modo de produzir a sociedade e as identidades está representada nos novos dispositivos de controle, que agem tanto no condicionamento dos corpos quanto nas subjetividades individuais e coletivas, exercida pelo Estado e pelo próprio sujeito. São dispositivos que trabalham na absorção das formas de controlar a si e aos outros investindo na competição, estimulando os sujeitos a agirem para adequarem-se às suas instáveis modulações.

### 3. Currículo e disciplina

A escola é uma das instituições que, durante as transformações políticas e culturais na Europa, se consolidou nos alicerces dos princípios modernos de governos dos indivíduos.

A partir do século XVI, a escola na Europa adotou formas diferentes de ensinar, organizar o currículo e os espaços. Varela e Luria (1992) ilustram algumas das transformações ocorridas nesse período:

- 1- A definição de um estatuto de infância;
- 2- A emergência de um espaço específico destinado à educação das crianças;
- 3- O aparecimento de um corpo de especialistas da infância dotados de tecnologias específicas e elaborados códigos teóricos;
- 4- A destruição de outros modos de educação;
- 5- A institucionalização propriamente dita da escola: a imposição da obrigatoriedade escolar decretada pelos poderes públicos e sancionada pelas leis (p.69)

Segundo Deacon e Parker (1994), as mudanças foram provocadas porque os princípios modernos de autonomia do sujeito; conhecimento científico e neutro como verdade; o industrialismo; o capitalismo expansionista; a divisão entre o público e o privado; a separação do mundo infantil do mundo adulto; e o “crescimento de imensos sistemas administrativos e burocráticos de organização social e regulação, tal como a escola” (Deacon e Parker, 1994, p. 98), produziram um processo de escolarização, que não só objetifica o conhecimento, mas principalmente os sujeitos que educa.

O ensino teve seus espaços de realização padronizados nos moldes dos conventos, com salas separadas e individualização dos estudantes em carteiras enfileiradas sob o monitoramento do mestre. Efetivou-se “a realização de um espaço escolar a parte, com um edifício, um mobiliário e um material específicos” (JULIA, 2001, p.13).

Nessa organização dos espaços e tempos escolares, os alunos tornam-se sujeitos, que individualizados em suas carteiras, são mais facilmente vigiados e avaliados acerca do processo de aprendizagem.

Ocorreu também a constituição de uma formação específica de um “corpo de especialistas” que se dedicassem aos cuidados do estudante. Eles foram formados durante a atuação dos mestres Jesuítas nos colégios onde desenvolveram métodos de ensino dos conteúdos e dos comportamentos, de seleção e classificação do conhecimento, de organização dos espaços e dos sujeitos e de avaliação dos estudantes.

O processo de produção de um modelo pedagógico e curricular, dentro dos colégios engendrou as modificações entre o ensino escolar da idade média e o modelo colegial, surgido na modernidade (VARELA E LURIA, 1994). Mais que isso, segundo Viñao (2006), produziu códigos e jargões próprios desse grupo de profissionais, legitimando-os como sujeitos aptos para realizar tal atividade.

A cultura escolar e o currículo da escola moderna ganham, então, delineamentos disciplinares. O dispositivo de controle da disciplina é utilizado a partir de diferenciadas estratégias para agir sobre os corpos dos/as estudantes e dos/as profissionais que constituem e atuam na cultura escolar.

Uma das estratégias da disciplina é a *distribuição dos espaços*. Sempre funcionais os espaços e a ordenação celular dos indivíduos nele, são fontes de informações. Através da individualização dos sujeitos, sua vigilância constante, o controle, a análise e a punição são realizadas com mais eficiência. É devido a sua forma de distribuição dos espaços e os sujeitos nele, que a escola pode ser caracterizada, na maioria das vezes, como um prédio que se adéqua ao modelo social do panóptico<sup>3</sup>, numa estrutura física e organização abstrata na qual os sujeitos são continuamente vigiados.

---

<sup>3</sup> O modelo social do panóptico é definido por Foucault, como um sistema onde o dispositivo que aciona o poder é a certeza do indivíduo de estar sendo vigiado todo tempo. Tendo tal certeza, põe-se ele mesmo a vigiar-se, controlar-se, para não cometer qualquer ação desviante, incorporando nesse processo, os valores e



Outra estratégia disciplinar é a *organização do tempo*, no controle dos horários, na regulação da utilidade produtiva do tempo, organizando as atividades dentro de períodos exatos, sincronizando os movimentos dos corpos em suas articulações/individualizações. Enfim, no modelo disciplinar de utilização do poder nas escolas “o tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos de poder” (FOUCAULT, 2009, p. 146).

Foucault (2009) aponta outras três técnicas disciplinares: *articulação do objeto com o corpo*, que treina, repetidamente, o estudante para a utilização precisa e eficiente dos livros, dos textos, da linguagem, das teorias e das interpretações e comportamentos culturais mais valorizados socialmente, uma vez que são esses os objetos da educação escolar; *a utilização exaustiva do tempo*, cuidando para que os sujeitos escolares usem o tempo tornando-o mais produtivo possível, através da vigilância das atividades realizadas por eles; e a *organização das gêneses* que consiste na organização da obtenção e acumulação do conhecimento no tempo, sua seriação distribuída em ordem crescente, geralmente com uma certificação de que o conhecimento foi efetivamente obtido pelo estudante, através de uma aprovação em exame. É o conhecimento seriado em aulas, bimestres, semestres, anos letivos, e finalmente em níveis de ensino.

Há ainda a *articulação das forças* que se constitui na arte de, sob a vigilância feita nos termos descritos acima, poder tornar o ambiente escolar, em particular as salas de aula, espaços pedagógicos extremamente produtivos.

Todas as estratégias elencadas por Foucault para definir a atuação do poder disciplinar nas instituições modernas, e aqui observadas a partir da realidade da escola, esclarecem como as técnicas disciplinares envolvem, produzem e são produtos das relações que se dão na cultura escolar e no desenvolvimento do currículo nas salas de aula, nos corredores e em todos os lugares no ambiente escolar.



ISSN 1981 - 3031

#### **4. Cultura escolar e currículo na escola hoje**

Esse tópico traz a análise dos dados coletados durante a observação das aulas e das entrevistas com as professoras e com os/as estudantes. Tem o intuito de evidenciar como na cultura escolar e no currículo da escola estudada apresentam-se as técnicas disciplinares. Também como os atores que interagem no ambiente escolar enxergam essa presença.

A análise foi feita segundo alguns eixos de ação, a saber: organização dos indivíduos no espaço; postura física dos/as alunos/as; forma de transmissão dos conteúdos; forma de organizar os saberes escolares; sinais pedagógicos; e uso produtivo do tempo.

##### Organização dos indivíduos no espaço:

Durante a observação, a primeira evidência de que a cultura dessa escola toma contornos disciplinares é a forma de organização dos/as alunos/as para cantarem o hino nacional.

Formaram-se duas filas, uma de meninos, outra de meninas. Cantaram o hino e seguiram a professora até a sala aula. Ao chegarem, as professoras escolheram os lugares onde sentaram.

Na sala todos sentaram de frente para a mesa da professora e para o quadro branco, mais uma vez enfileirando suas bancas e cadeiras. As três professoras utilizaram esta forma de organização dos/as alunos/as no espaço.

Voltando ao que Foucault (2009) ressalta a respeito da disposição dos sujeitos no espaço escolar para uma efetiva vigilância sobre eles, pode-se perceber que os/as alunos/as estão dispostos na sala de aula de forma que a professora poderá observar todos, individual e coletivamente, pois de sua posição possui a visão de todo o espaço e de todos os indivíduos que se localizam dentro dele. É uma forma de organização própria do modelo de instituição disciplinar, que se utiliza do modelo panóptico de vigilância, para por meio

da observação dos sujeitos, construir um conhecimento sobre cada um, também para evitar momentos de indisciplina na sala de aula.

Através dessa localização específica e desse conhecimento particular sobre cada aspecto dos indivíduos, eles serão controlados e utilizados da maneira mais produtiva possível nos moldes da disciplina. Como nos afirma Foucault (2009), “a disciplina organiza um espaço analítico” (p.138), uma vez que nos moldes disciplinares “lugares determinados se definem não só para satisfazer à necessidade de vigiar, de romper com as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil” (p.139).

Uma das professoras chega comentar:

Não gosto muito de fazer trabalho em grupo, por que eu acho que a aula fica uma bagunça. De vez em quando é que eu faço, já pra eles ficarem acostumados, pra ir pegando... Mas eu não gosto muito. Por que eles ainda não estão acostumados, não sabem valorizar o trabalho em dupla, em grupo. Então eu não faço muito.

Decerto que houve momentos em que essa organização foi desfeita, para um trabalho em grupo, ou em dupla, todavia, foram raros esse tipo de atividade.

#### Postura física dos/as alunos/as:

Prima-se por uma postura mental sempre alerta, mas fisicamente contida. Os movimentos são impedidos não apenas pelo espaço restrito da carteira e da cadeira, mas pela vigilância e pela tarefa sempre a cumprir. A atenção da mente e a contenção do corpo. (FOUCAULT, 2009)

De acordo com Foucault (2009), Esse é um comportamento do corpo alvo da vigilância, do controle que se dá através das formas de utilização do tempo e do espaço próprios do modelo disciplinar existente na escola. É um corpo que precisa direcionar sua energia para a produção, para o aproveitamento exaustivo do espaço/tempo escolar. É um corpo que é objeto e alvo do poder disciplinar, que tem como objetivo a sua docilidade para a maior produtividade.



ISSN 1981 - 3031

### Forma de organizar os saberes escolares:

As professoras afirmaram que de maneira geral suas fontes são, principalmente, a Matriz Curricular da Secretaria Municipal de Educação e algumas avaliações que realizam com os alunos no início do ano letivo. Uma delas diz:

A gente segue sempre as orientações da SEMED que vêm na matriz curricular e aí de acordo com a matriz agente seleciona alguns conteúdos para série, mas tem uns que são totalmente fora da série, totalmente *fora do normal*. E aí a gente coloca alguns da matriz, que a gente acha conveniente e acrescenta alguns da série.

O que há, nesse caso é o que Foucault (2009), apresenta como divisão da duração da formação escolar “em segmentos sucessivos ou paralelos, dos quais cada um deve chegar a um termo específico” (p.152). Ou ainda em outra técnica disciplinar que é “organizar essas sequências segundo um esquema analítico – sucessão de elementos tão simples quanto possível, combinando-se segundo uma complexidade crescente” (p.152).

Ela, então, completa dizendo que faz “uma avaliação no início do ano. Uma semana de avaliação, pra daí partir com os conteúdos *realmente* de uma 4ª série. E aí a gente segue a matriz”.

Na fala da professora, a questão da seleção dos conhecimentos que a escola se propõe a trabalhar com o estudante aparece como se o que é conveniente ou não a cada série ou ano de estudo já estivesse estabelecido. Mesmo as políticas públicas – a matriz curricular municipal – na prática cotidiana são “revogadas” quando não atendem ao que as relações da escola e da professora com o conhecimento têm estabelecido.

### Forma de transmissão dos saberes:

Esse é um aspecto das práticas pedagógicas e curriculares, no qual as professoras mais se diferenciam. Entretanto, todas tendem a começar as aulas numa rotina diária de acomodar os alunos, fazer a oração, dar o comando para que os alunos peguem o material a



ISSN 1981 - 3031

ser utilizado na aula – o livro de matemática, o caderno, o livro de geografia etc. – e começa a aula quase sempre dando continuidade a uma sequência.

A postura de cada uma diante dos/as estudantes é que se modifica, mas convergem no que diz respeito à formação do cidadão como função da escola. Então as professoras tendem a normalizar o comportamento dos/as alunos/as através das normas sociais e institucionais de conduta. (FOUCAULT, 2009)

As professoras deixam isso muito claro nas entrevistas, nas falas que seguem:

A escola, junto com o corpo docente e discente, forma cidadãos. Só que o sistema, o sistema de ensino, às vezes não permite. É tanta burocracia, tanto problema que as vezes a gente sai desviando de uma coisa, outra e não conseguimos chegar no ponto mesmo X.

Diariamente, nas micro relações, alunos/as e professora travam um convívio tenso, constituído de argumentos, resistências e lutas de poder. No entanto, no espaço da escola, os/as alunos/as tendem a ceder uma vez que as professoras se utilizam de argumentos como: “Isso será importante para você no futuro”, ou “você precisa aprender a cumprir com suas obrigações para ser considerado um bom cidadão quando ficar adulto”, e ainda “para melhorar de vida você precisa estudar”.

#### Sinais pedagógicos:

Os sinais são elos de comunicação entre os sujeitos, em suas relações hierárquicas de poder dentro das instituições disciplinares. São geralmente ordens que devem ser entendidas e executadas rapidamente para economizar tempo e evitar momentos de indisciplina e improdutividade. (FOUCAULT, 2009).

Nos moldes disciplinares de escola “o aluno deverá aprender os códigos dos sinais e atender automaticamente a cada um deles” (FOUCAULT, p. 160). “Comportem-se” é um sinal verbal, mas muitos outros são utilizados na escola: o olhar da professora direcionado ao/a aluno/a, um gesto, o silêncio dela diante da turma, quando não estão atentos, o simples

chamado da professora pelo nome de alguém constitui-se num sinal. Os mais utilizados, contudo, são os sinais verbais que indicam o início de uma atividade rotineira nas salas de aula. Como, por exemplo: “fila!” para formar a fila característica com suas segregações, ou ainda “peguem caderno e livro” para indicar atividade escrita.

Temos ainda o que nessa escola, chama-se literalmente de “sinal”, que é o soar da campainha, marcando tempo do descanso e do intervalo entre as aulas. De modo que quando “toca o sinal” – como falam os/as alunos/as – todos/as sabem o que fazer.

São, portanto, “sinais pedagógicos” que auxiliam no condicionamento dos sujeitos ao cumprimento das regras que permeiam a cultura escolar e a vivência dos/as alunos/as nela, mas também influenciam em suas condutas fora do ambiente escolar.

#### Uso produtivo do tempo:

A utilização do tempo é apontada por Foucault como uma das formas de disciplinamento dos corpos.

No começo do século XIX, serão propostos para a escola mútua horários como o seguinte: 8,45 entrada do monitor; 8,52 chamada do monitor; 8,56 entrada das crianças e oração; 9 horas entrada nos bancos; 9,04 primeira lousa; 9,08 fim do ditado; 9,12 segunda lousa; etc. (FOUCAULT, 2009, p. 145)

Na escola o tempo tende a ser medido e regulado, embora não de maneira tão minuciosa. As aulas iniciam todos os dias, regularmente, às 7h:15min da manhã. Foi possível notar que cada atividade é organizada para a execução dentro de um tempo previsto; enquanto os/as alunos/as executam as atividades, as professoras tendem a observar o relógio com regularidade. Poucas vezes é permitido que um estudante saia da sala fora do tempo do recreio para tomar água ou ir ao banheiro. Também não se deve comer ou conversar fora de hora.

Mesmo o intervalo para recreação entre as aulas é fragmentado. O sinal da campainha soa às 9:00h; as crianças devem primeiro se alimentar no refeitório, depois descansar ou brincar até as 9h:25min, quando o sinal toca pela segunda vez para que elas



ISSN 1981 - 3031

bebam água e vão ao banheiro; e finalmente a campanha soa pela terceira vez às 9h:30min, para que todos/as formem as filas e retornem às salas de aula acompanhado suas professoras.

Embora haja um controle do tempo em todos os momentos dentro da escola, é na hora da aula em si que ocorre o maior controle do tempo dos/as estudantes. Nele é a professora quem decide como e quando se dará a utilização do tempo, do espaço e do conhecimento. Algumas vezes há a resistência de alguns/as alunos/as, que de acordo com a professora podem gerar uma modificação ou outra em relação ao encaminhamento das aulas, mas nem sempre é possível ceder à vontade deles/as.

### **Considerações finais**

Pode-se perceber que o objetivo primordial dessas professoras é a formação desses/as alunos/as nos aspectos comportamentais e do conhecimento escolar. Isto é, o currículo dessa escola volta-se principalmente para uma relação direta estabelecida entre comportamento e aprendizagem.

Ao passo que visam o disciplinamento para tornar o espaço pedagógico mais produtivo na aquisição dos conhecimentos escolares, utilizam essa instrução para tornar os/as estudantes cada vez mais condicionados.

Elas argumentam que para os/as estudantes tornarem-se cidadãos e cidadãs conhecedores/as dos seus direitos e deveres, precisam ser pessoas que desenvolvam bons comportamentos, respeito ao outro, solidariedade e tomem atitudes refletidas.

Que também desenvolvam e possuam uma boa carga dos conhecimentos escolares necessários à continuidade de sua formação e à sua inserção no mercado de trabalho.

Na atitude das professoras durante as aulas fica evidente que para que os/as alunos/as consigam atingir essa bagagem cultural oferecida na escola, dentro das condições oferecidas, a ação pedagógica precisa se dá num ambiente disciplinar.

O comportamento futuro dos/as estudantes é também uma preocupação das docentes, que tentam imprimir nas crianças uma espécie de treinamento do que elas serão mais tarde.

Decerto que cada uma se utiliza a sua maneira dos dispositivos disciplinares, mas o fazem. E isso acontece porque acreditam ser a melhor forma para atingir aquele que elas crêem ser o objetivo do seu trabalho: formar cidadãos.

## REFERÊNCIAS

DEACON, R. e PARKER, B. Educação como sujeição e como recusa. In: SILVA, T.T. (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994, p. 97-110.

DE JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto historiográfico. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, n. 1, 2001, p. 9-44.

DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU editora. 2003, p. 158.

\_\_\_\_\_. M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 36ª ed. Petrópolis: Vozes. 2009b, p. 291.

\_\_\_\_\_, M. *Microfísica do poder*. 26ª ed. São Paulo: Graal. 2008, p. 295.

GÓMEZ . A. I. P. *La cultura escolar en la sociedad neoliberal*. Madrid: Ediciones Morata. 2004, p. 319.

VARELA, Julia e ALVAREZ-LURIA, Fernando. A maquinaria escolar. *Teoria e educação, dossiê: história da educação*, n. 06, 1992, p. 68-96.





V  
EPEAL



CEDU

PPGE



PESQUISA EM EDUCAÇÃO: DESENVOLVIMENTO, ÉTICA E RESPONSABILIDADE SOCIAL

ISSN 1981 - 3031

VIÑAO, A. *Sistemas educativos, culturas escolares y reformas*. Madrid: Ediciones morata, 2006, p. 127.